

DE GRACILIANO RAMOS PARA SALA DE AULA: UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA DO ROMANCE VIDAS SECAS.

Mestranda Mariana Nunes Ribeiro de Farias¹(UFCG)
Profa. Dra Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega²(UFCG)

Resumo:

Com o advento da Estética da recepção, a preocupação com o leitor tornou-se o cerne das discussões atuais. Para nós, educadores/pesquisadores atuantes na área de Literatura, essa teoria vem servindo de inspiração na perspectiva de refletir sobre novos métodos de trabalho com a leitura literária no âmbito escolar. Assim, nossa pesquisa tem como objetivo realizar uma análise interpretativa da personagem Sinha Vitória, do romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos, visando percorrer um caminho entre tantos outros de como explorar a leitura do gênero romance em sala de aula. Para tanto, fundamentamos nas sugestões metodológicas de Cosson (2006) e suas atribuições concernentes ao conceito e formulação da sequência expandida; também em Jouve (2002) e Iser (1996) sobre questões que envolvem o leitor e a estética da recepção; Colomer (2007) no que tange ao compartilhamento da leitura como abordagem pedagógica e Brait (1985) como suporte teórico para compreender a personagem. Acreditamos que explorar a narrativa graciliana através de um projeto de leitura, reunindo outras artes como a música, a pintura em tela é uma proposta motivadora para sala de aula nos dias atuais. A análise se volta para como o romance é construído e como pode tornar-se uma atividade interessante para o aluno do ensino médio. Nossa preocupação se estende ainda em refletir sobre a formação crítica desse leitor.

Palavras-chave: Vidas secas, leitura literária, reflexões metodológicas.

1 Introdução

Promover a leitura literária no espaço (escola) onde ela deveria ser prioridade e, muitas vezes, não o é, trata-se de um grande desafio para os educadores. Entretanto, estudos recentes demonstram que na aula de literatura é imprescindível a leitura do texto literário, objeto em torno do qual deve ser pensada uma organização em nível de conteúdos curriculares, de modo que venha a corroborar para o desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno. A partir dessa perspectiva o ensino da literatura, não basta apenas cumprir com uma obrigação curricular, mas deve ser pensado de forma tal que o aluno possa vivenciar certa autonomia interpretativa no momento em que busca construir sentidos para o texto lido.

Neste processo, não é apenas a figura do educando que está em questão, além da preocupação com sua bagagem cultural, com o espaço social no qual está inserido e como se dá o universo da leitura que tem; há também uma inquietação quanto à formação do professor, sobretudo no que diz respeito às escolhas metodológicas utilizadas para envolver o aluno na leitura. O educador tem um papel fundamental como mediador da leitura; é ele quem planeja as aulas, intervém e acima de tudo deve descobrir-se e revelar-se leitor. Consciente dessas necessidades, apresentamos uma proposta de leitura do romance *Vida Secas* como sugestão para ser vivenciada por alunos no Ensino Médio.

¹ Mestranda em Literatura e Ensino, e-mail: mariananrf@gmail.com. Universidade Federal de Campina Grande UFCG

² Professora Dra., e-mail: mariamartanobrega@bol.com.br. Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

Vale salientar que isto não funciona como fórmula pronta para ser aplicada, mas está sujeita a discussões, críticas e possíveis sugestões em prol do benefício maior: a formação de leitores literários. A orientação para o trabalho está fundamentada nas noções de sequência básica e expandida apresentadas por Cosson (2012). Para os três primeiros momentos da sequência- motivação, introdução e leitura- esboçamos um projeto de leitura geral do texto, para só então iniciarmos a análise da personagem. É bom que esteja claro que esta análise será desenvolvida com a turma de forma que não cabe nela uma aula teórica de teoria literária, ou seja, nada de conceitos prontos, se o aluno sentir a necessidade, aí sim o professor entra como mediador atribuindo nomes e conceitos .

2 Reflexões sobre a leitura

Em o Ato da leitura, Iser (1996) faz referência ao polo artístico (autor) e polo estético (leitor), apontando que o mais interessante nessa teoria é a transição entre esse dois pólos, mais precisamente, o fenômeno de leitura. Já dizia Sartre: “O objeto literário é um estranho peão que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é preciso um ato concreto que se chama leitura e ele só dura enquanto essa leitura puder durar”. Sendo assim, a obra é algo estático, ela existe em algum lugar com capa, folhas, códigos (não passa de um objeto), somente quando é lida é que passa a ter um “funcionamento”, um significado. Evidentemente o leitor é o grande, embora não seja o único, responsável por esse “funcionamento”. Iser (1996), por sua vez, salienta que o leitor só interpreta aquilo que lhe é fornecido- dados do próprio texto- ou seja, se a obra por si só não existe, o leitor sozinho, sem a obra, também não constrói sentido algum. De acordo com ele,

a obra é mais do que o texto, é só na concretização que ela se realiza. A concretização por sua vez não é livre das disposições do leitor, mesmo se tais disposições só se atualizam com as condições do texto. A obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor. (ISER, 1996.p.50)

O ato da leitura, se considerarmos esse processo de convergência, tem uma natureza dialógica concretizada no encontro entre leitor e obra. Através da teoria de Iser é possível compreender o aspecto duplo e complexo da estrutura literária: a estrutura verbal e a estrutura afetiva. Assim, o leitor, ao entrar em contato com o signo linguístico não chega ao sentido e ao significado da leitura, isso só ocorre quando, por meio da estrutura verbal, ele vai sendo afetado pela obra no processo da leitura, de maneira que o sentido se constitui. No processo de constituição de sentido, o que sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais? Esse questionamento reflexivo passa a ser o cerne das pesquisas voltadas para o leitor literário, uma vez que a interpretação “objetiva” e engessada, dá lugar a uma liberdade guiada pelo efeito experimentado. Em conformidade com esse raciocínio, “o texto permite, com certeza, várias leituras, mas não autoriza qualquer leitura” (JOUVE, 2002, p.25).

Daí a preocupação em ouvir o aluno, ler o texto em sala de aula, a nova ênfase segundo Colomer (2006) que percorre os caminhos do estímulo, da intervenção, da mediação, familiarização e animação . A preocupação está centrada não só em aproximar o educando das obras, mas também em promover alternativas de como apreender o efeito estético através do compartilhamento de sentidos do texto. Contagiar o educando, plantar nele a curiosidade por outras leituras, o prazer e o sentimento de que ler poemas, contos, romances, pode tornar-se uma atividade prazerosa, é também refletir acerca da prática de leitura na sociedade em que o aluno está inserido. Assim, construir o trabalho com a literatura no âmbito escolar é ao mesmo tempo, redimensionar o que lá ocorre para as práticas sociais, uma vez que a escola promove o saber para o contexto social e vitalício.

A sala de aula deve ser, inegavelmente, um ambiente propício à reflexão e democracia, bem

como ao amadurecimento do pensamento crítico. Entretanto, deve-se cuidar para que o debate, que vem a ser regido pela leitura da obra em sala, seja preservado a ponto de não aceitar-se toda e qualquer compreensão subjetiva. É bem verdade que trabalhar literatura de modo que a leitura seja envolta por apreciações, impressões e debates, implica numa outra questão: gerenciar o cuidado com as superinterpretações e com tempo, uma vez que o ritmo da aula também é diferenciado, visto que, com a obra em mãos, o aluno estará livre para ler, reler, pensar, suscitar reflexões políticas e sociais que levam um tempo de apreciação.

3 A personagem do Romance graciliano e sua abordagem em sala de aula

Trabalhar um romance em sala de aula não é algo simples, por isso o professor deve estar disposto a desafiar os inúmeros contratempos que existem dentro do ambiente escolar: a falta de formação dos próprios professores, falta de acervo, de infraestrutura, a falta de segurança e muitos outros problemas, sobre os quais não nos deteremos. Decidimos pensar numa proposta de benefício tanto para o educador quanto para o aluno, com maior atenção a este. Abordar o romance em sala de aula a partir dos elementos estruturais da narrativa não é nenhuma novidade, entretanto, acreditamos que um olhar detido em torno de um dado elemento, buscando entender como ele se constrói e é recepcionado pelo aluno, pode ser uma estratégia capaz de chamar a atenção do aluno e despertá-lo para leitura de outras obras e de outros elementos do enredo. Para a proposta, aqui apresentada, escolhemos a categoria personagem, com base em Brait ao propor que se “Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a ‘vida’ desses seres de ficção” (1985,p.11). Graças ao formalismo é possível estudarmos o funcionamento da personagem sob o ângulo do sistema verbal. Isto diz muito da nossa pesquisa, em outras palavras, significa deleitar-se numa análise voltada para o universo da linguagem enquanto elemento gerador de uma funcionalidade estética.

Estudar a personagem significa, pois, atentar para os recursos utilizados pelo narrador na construção desse ser fictício. Implica a compreensão de outras categorias como tempo, espaço, foco narrativo além de contemplar a discussão sobre o conceito de *mimesis* diretamente ligado ao *de verossimilhança interna da obra*. Na Poética, Aristóteles direcionava reflexões para além do conceito de “imitação” do real, ele “aponta dois aspectos essenciais: a personagem como reflexo de pessoa humana e a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (*apud* BRAITH, 1985,p.29). *Vidas Secas* inicia com uma pequena descrição do espaço e logo parte para a descrição das personagens: “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS,p.9,2012). No decorrer da leitura, apesar de existir um capítulo destinado às principais ações e características das personagens, percebemos que o espaço possui uma articulação muito forte com elas, tornando-se indispensável para a concretização de cada uma e da relação com as demais.

Não há como falar em Sinhá Vitória sem mencionar seus filhos, ou mesmo a sua postura companheira em relação a Fabiano, ou até seu desejo de ter uma cama igual a de seu Tomás da Bolandeira, desejo esse dispensado por Fabiano e assim por diante. Surge então essa teia narrativa, em que a escolha da personagem Sinhá Vitória nada mais é que uma desculpa (essencial) para se trabalhar algumas noções literárias. Essa ligação está muito clara pra nós na primeira “aparição” no romance, pois “sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça” (RAMOS, 2012,p.9), projeta uma imagem de que sua existência está diretamente relacionada à existência das outras personagens. Assim como Fabiano representa o homem bicho tentando vencer o seu maior inimigo: a sua impotência diante da seca e das ações do governo, Sinhá Vitória representa a mulher do sertão, sofrida, forte, magra, dona de casa companheira e submissa a

Fabiano. Como se trata de um romance onde há escassez de diálogos, a narrativa é guiada por um narrador em terceira pessoa, onisciente que simula o ponto de vista predominantemente através do olhar de Fabiano. Conforme Brait (1985, p.53) “Qualquer tentativa de sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens esbarra necessariamente na questão do narrador” (Brait, p.53). No caso do romance em tela, esse narrador desconhecido traz a tona uma análise psicológica dos personagens, inclusive da cachorra Baleia, animal caracterizado pelos sentimentos considerados inerentes ao ser humano.

Apesar de Fabiano representar o herói, Sinhá Vitória tem uma participação ativa e até mesmo decisiva nessa representação. Muitas vezes é ela quem instrui a Fabiano, é ela que cozinha o alimento, que aconchega os filhos. Quando apresentada em sala de aula, é importante levar o aluno a perceber que Sinhá Vitória representa sim a mulher nordestina, (e talvez uma alusão mais humanitária do que propriamente de gênero) mas nem por isso ela deve ser vista como uma pessoa que existiu e realizou as mesmas ações na vida real. É preciso guiar o estudante sempre no caminho da reflexão: será que o autor se inspirou em alguém?; ouviu alguma história parecida?; imaginou a personagem à sua maneira?; sobre essa personagem o que interfere nas nossas crenças, valores, pensamentos?

4 Sequência expandida

Colomer (2006) estipula que no processo de leitura literária em sala de aula, a palavra de ordem é “compartilhar”. É preciso, pois, ouvir o aluno, perceber a sua voz, suas impressões e inquietações frente ao texto; a metodologia exige que o professor saia, em determinados momentos, do lugar hierárquico em que se encontra para dar espaço e importância à colocação do aluno, guiando-o através do texto. Para tanto, aluno e professor devem estar conscientes de que ler exige um esforço, demanda “tempo na aula para praticar a leitura individual(...); atividades organizadas em longos projetos de trabalho que deem sentido as leituras escolares (...); apresentações de livros que afastem o medo e a dúvida que o texto desconhecido sempre provoca em qualquer leitor” (p.110). O trabalho com textos literários pode ser bem aproveitado quando há realização de projetos, numa situação contextualizada que, segundo Colomer(2007) inclua “objetivos, corpus de leitura e tipos de atividades”. É partindo de projetos que há de se estabelecer que lugar uma ou outra leitura deve ocupar, na perspectiva de que o aluno seja instigado a participar efetivamente.

No tocante à sala de aula, não adianta culpar estrutura escolar, falta de apoio familiar, entre outros (embora saibamos que “ a falta” de tudo isso implica num desempenho bem menor) porque o professor tem grande responsabilidade enquanto mediador. Ao pensar a literatura como área que merece tratamento específico, é imaginar que o professor necessitará de uma formação também específica. Pois ele não só existe enquanto mediador da leitura, mas também deve ser um “leitor especializado” que tenha determinado conhecimento sobre teoria e obras literárias. Embora tal discussão não seja o cerne do nosso trabalho, ela serve de provocação para refletirmos sobre nosso papel de educadores responsáveis pela formação de leitores. Promover a leitura literária depende também de uma escolha: escolher aquilo que permeia entre preferências pessoais e exigências curriculares. Daí a seleção perpassar de textos atuais aos cânones. Cosson (2012) defende que não há como pensar em Letramento literário abandonando-se o cânone porque ele “guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade do leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la”(p.34).

Cosson (2012) ao refletir sobre o letramento literário em sala de aula propõe duas sequências: a básica e a expandida. Esta é a que iremos tratar no decorrer da pesquisa, aquela é uma sequência, organizada para se trabalhar um texto mais curto, num tempo menor - ela é composta apenas de quatro momentos: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. Já o segundo tipo de

sequência contém a seguinte estrutura: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização (se o professor achar necessário ou mesmo se o tempo de sua carga horária permitir), segunda interpretação e expansão.

4.1 Motivação

“A motivação consiste numa atividade de preparação”. É importante destinar uma primeira aula para motivação e introdução. É necessário que a motivação não se estenda muito, pois “ uma motivação longa tende a dispersar o aluno em lugar de centralizar sua atenção em um ponto específico que será o texto literário”(COSSON,2012,p.79). Dessa forma seria ideal neste primeiro momento a leitura e apreciação da tela modernista de Cândido Portinari:



Óleo sobre tela, Cândido Portinari, 1944.

O professor, nesse momento instiga a leitura dessa imagem com a turma, sempre mediando o processo através de questionamentos a respeito de seu conhecimento sobre tal realidade, ou o que a tela os faz lembrar. Desde o início da sequência o aluno percebe que tem vez e voz, pois aqui o ouvir, o compartilhar é sem dúvida muito importante. Após análise da imagem, a turma teria um tempo -10 a 15 minutos- ou determinado pelo professor para discuti-la, tendo em vista que a discussão deve ser mediada para que não fuja a temática da seca.

4.2 Introdução da sequência

Nesse momento introdutório se faz necessária a apresentação tradicional da obra, tal como descreve Cosson. Abrir espaço para um ou outro aluno que tenha ouvido algo a respeito da obra ou até mesmo sobre Graciliano, para tecer comentários acerca do autor, contexto em que viveu, cuidando para não fugir ao principal: a leitura do texto literário. É relevante sim que o professor leve o mínimo de referência sobre a obra a fim de situar o aluno. Ainda nesse momento imaginamos que a leitura do primeiro capítulo (intitulado de “Mudança”) se constitui o ponto crucial da introdução, visto que *Vidas Secas* traz nas suas primeiras páginas o drama da família de retirantes, bem como apresentação desse grupo (os personagens principais), o espaço, que se repete na narrativa através da constante descrição da vegetação, da própria condição do grupo, da falta de comida. Se o professor achar viável, é também interessante iniciar pela leitura do capítulo “Baleia”, lendo em voz alta, despertando o interesse do aluno através do drama vivido pela cachorra.

4.3 A leitura

Como geralmente nossas salas de aula chegam a ter uma média entre trinta e quarenta alunos, ao professor convém dividir a turma em grupos de forma que cada grupo seja responsabilizado pela leitura e apresentação de um capítulo, sem do que o último capítulo fica sob responsabilidade do professor. A apresentação deve respeitar a sequência existente no romance. De acordo com Cosson (2012), é importante que nessa etapa o professor negocie com os alunos um tempo de leitura. Como a metodologia sugerida trata de uma leitura “curta”, o tempo de uma aula pra outra pode ser suficiente. A nossa ideia é que cada pessoa leia o capítulo que compete ao grupo, deixando a apresentação por conta de todos os participantes, ou seja, nada de definir quem apresentará, pois todos ficarão com a responsabilidade de falar um pouco sobre o capítulo lido. Além disso, uma atividade será requerida aqui: cada grupo deve destacar o trecho que resume o capítulo lido, pois ao final do trabalho será montado um resumo da obra através da própria linguagem do livro. No encontro após a leitura (efetivada em casa), cada grupo apresenta- em linhas gerais- o seu respectivo capítulo, sendo que o capítulo final será lido pelo professor e alunos em sala e apresentado pelo professor. Sugerimos a leitura do último capítulo em sala. Essa atividade necessita da disposição de tempo, o professor pode realizá-la como um projeto ao longo do ano. Após a apresentação dos capítulos realizada pelos alunos, o professor mediará a leitura e apreciação da letra e melodia da canção “Asa Branca” - composição de Luiz Gonzaga, transcrita a seguir:

Quando olhei a terra ardendo	Então eu disse, adeus Rosinha
Qual a fogueira de São João	Guarda contigo meu coração
Eu perguntei a Deus do céu, ai	
Por que tamanha judiação	Hoje longe, muitas léguas
	Numa triste solidão
Eu perguntei a Deus do céu, ai	Espero a chuva cair de novo
Por que tamanha judiação	Pra mim voltar pro meu sertão
Que braseiro, que fornalha	Espero a chuva cair de novo
Nem um pé de plantação	Pra mim voltar pro meu sertão
Por falta d'água perdi meu gado	
Morreu de sede meu alazão	Quando o verde dos teus olhos
	Se espalhar na prantação
Por farta d'água perdi meu gado	Eu te asseguro não chore não, viu
Morreu de sede meu alazão	Que eu voltarei, viu
	Meu coração
Até mesmo a asa branca	
Bateu asas do sertão	Eu te asseguro não chore não, viu
Então eu disse, adeus Rosinha	Que eu voltarei, viu
Guarda contigo meu coração	Meu coração

Antes de relacionar a canção com a temática de *Vidas Secas* é necessário que o professor atente para a importância da música, sem submetê-la como “apêndice do romance”. Este é apenas um exemplo para aluno e professor compreenderem “que o literário dialoga com os outros textos e é esse diálogo que tece a nossa cultura. Por essa razão, é papel da escola ampliar essas relações e não constrangê-las” (COSSON, 2012, p.83). Esse diálogo contribui ricamente com a discussão acerca dos retirantes, da seca, do amor.

4.4 Primeira interpretação

Cosson defende a necessidade que o aluno tem de manifestar a sua impressão de leitura, “de dizer algo a respeito do que leu, de expressar o que sentiu em relação às personagens e àquele mundo feito de papel” (op.cit,p.84). Nessa etapa pode-se solicitar uma atividade de escrita a fim de registrar a compreensão do Romance desde o título até a retomada das leituras e discussões. O professor pode optar pela atividade em que o aluno faça sua apreciação em poucas linhas ou por alguma atividade melhor elaborada como uma entrevista. No caso da nossa proposta um texto apreciativo é o suficiente, uma vez que a atividade de leitura da personagem é o nosso foco. O leitor escreverá seu texto orientado pela seguinte pergunta: **O que mais te toca no Romance *Vidas Secas*?**

4.5 Segunda Interpretação

É o momento destinado a desafios interpretativos acerca do enredo: cada grupo, de acordo com seu capítulo deverá descobrir a partir dos recursos utilizados pelo narrador, quais são as características de Sinhá Vitória; o que Fabiano pensa a respeito dela?; como os filhos a enxergam?; qual o seu comportamento?; o que ela pensa? Os seus sonhos? A primeira discussão está centrada no romance. Trazendo para os dias atuais na temática da seca, Sinhá Vitória representa uma realidade?; No mundo de globalização, num mundo em que a mulher ganhou o seu espaço, ainda existem Sinhás Vitórias??. Essas características deverão ser elencadas através também do registro escrito. O exercício de escrita está diretamente atrelado ao de leitura. Escrever, nesse caso, é uma extensão do ato de ler. Interessante que Sinhá Vitória está presente de forma significativa na maioria dos capítulos, ora “entregue aos arranjos da casa e as panelas de losna”, ora fazendo contas para Fabiano ao distribuir “no chão as sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições”. Sinhá Vitória representa uma riqueza de múltiplas faces.

Quando não participa de uma ou outra ação, a personagem está sempre nos pensamentos e preocupações de Fabiano. Outra característica da personagem é a religiosidade, encontramos por vezes na narrativa Sinhá Vitória segura ao rosário, até mesmo quando o narrador expõe o conceito de inferno emitido pela fala da personagem: “Sinhá Vitória falou em espetos quentes e fogueiras”. Se o aluno não atentar para essa questão, por exemplo, o professor destaca os momentos da narrativa em que há outras menções a respeito dessa temática, incluindo o último capítulo, onde a presença da reza, do rosário, da espera “do milagre de Deus” é mais afluída.

Na sequência, deve ser feita o estudo da contextualização da obra, buscando “o aprofundamento da obra através do estudo dela em seu contexto” assim apresenta as contextualizações : a teórica, a poética, histórica, estilística, crítica , presentificadora e temática. Entretanto, o contexto que escolhemos trabalhar está inserido no desenrolar da proposta : a contextualização presentificadora, a qual “busca a correspondência da obra com o presente da leitura” (COSSON, 2012,p.89). Aqui, diferenciamos da proposta de Cosson, uma vez que a noção de contexto está inserida na nossa sequência como temática da seca .

4.6 Expansão: fechamento da sequência

A expansão, segundo Cosson (op. Cit. P.95)“pode ser também um diálogo que o leitor constrói entre duas ou mais obras(...)”. Também os filmes e as minisséries televisivas que foram baseados na obra são um material interessante para esse tipo de expansão (...)”. Esse trabalho é de natureza comparativa. Em se tratando de um filme³ antigo, porém se trata de um

³ Disponível em <http://www.meucinemabrasileiro.com/filmes/vida-secas/vidas-secas.asp>. No site há também outros filmes do cinema brasileiro.

clássico do cinema brasileiro, acreditamos que o melhor momento de expor a turma é justamente esse, o momento final do trabalho. Na abordagem do filme é preciso que o professor deixe bem claro o que requer do aluno, pois aqui não cabe registrar apenas descrições. Em primeiro lugar é importante que o professor faça uma breve exposição sobre a adaptação das obras literárias para o cinema, enfatizando as diferenças também estruturais ou simplesmente incitando o aluno a refletir e discorrer sobre tais diferenças – no tocante ao gênero. Questionar aos alunos quais as adaptações conhecidas por eles. Qual a reação deles ao ler uma obra e depois assistir ao filme, ou vice-versa. Apresentar cartaz e ficha técnica, embora seja algo simples, faz com que abordagem inicie de uma forma mais dinâmica e recheada de informações.



Ficha Técnica:

Título original: Vidas Secas

Gênero: Drama

Duração: 103 min.

Lançamento (Brasil): 1963

Distribuição: Sino Filmes, Riofilme e Sagres Vídeo

Direção: [Nelson Pereira dos Santos](#)

Roteiro: Nelson Pereira dos Santos

Produção: Luis C. Barreto, Herbert Richers, Nelson P. dos Santos e Danilo Trelles

Música: Leonardo Alencar

Fotografia: Luis Carlos Barreto e José Rosa

Desenho de produção: João Duarte

Edição: NelloMelli e Rafael Justo Valverd

O filme é de 1963 em preto e branco, cujos recursos e cenários são extremamente simples. Se o professor perceber que os alunos se dispersam no momento em que estão assistindo, pode pausar e iniciar a discussão, depois adiantar algumas cenas ou colocar a cena final. Ao visualizar Sinhá Vitória do filme, solicitar ao aluno comparações sobre a Sinhá Vitória que o texto projetou no imagético e aquela assistida no filme.

Esse momento é o lugar privilegiado para estabelecer pontos de encontro e de divergência entre a obra literária e a obra cinematográfica. E mais uma vez o registro escrito entra em cena. Pensamos que após assistir ao filme, ou às partes dele, seria interessante entregar ao aluno um material simples, mas que serve para registrar de forma organizada suas apreciações acerca dessa comparação. Por exemplo:

Após a leitura do livro, a apreciação do filme e nossas discussões entre as duas obras, organize abaixo as suas impressões:

SEMELHANÇAS	FILME X LIVRO
DIFERENÇAS	
No caso de Vidas Secas, qual dos dois gêneros contribuiu para sua formação enquanto leitor? Por quê?	

Obs: embora nossa sugestão permeie uma tabela, cabe ao professor pensar a melhor forma de organizar essas impressões.

Conclusão

Nossa proposta metodológica e reflexões certamente representam uma parte muito restrita da dimensão que envolve a leitura de textos literários em sala de aula. Entretanto, nossa maior preocupação é transcender o espaço acadêmico de uma pós-graduação e vigorar nossas propostas de modo que sejamos capazes de modificar e acrescentar algo na bagagem cultural do leitor. Tal proposta aqui prevalece como um roteiro de estudo do romance. Trabalhar o texto literário num projeto de leitura, norteia outras leituras, experiência capaz de marcar a aprendizagem do aluno. Certamente a partir de propostas como esta, o aluno tentará fazer uma ponte entre leituras e vivências, estará mais atento e curioso ao saborear um texto literário. Motivados por leituras, teorias e experiências o educador, no nosso caso, professores\ pesquisadores temos a chance de contribuir para a formação de um leitor, que por sua vez pode interferir na comunidade em que vive. A leitura com um fim delimitado funciona para um bem maior: encontrar meios de ler o texto literário.

Referências Bibliográficas

- 1 BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo : Ática,1985
- 2 COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- 3 COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.
- 4 ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Ed

5 JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

6 RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**; pós-fácio de Hermenegildo Bastos, 119º ed.- Rio de Janeiro: Record, 2012.